



Instituto de Desenvolvimento Educacional do Alto Uruguai - IDEAU



# REI

REVISTA DE EDUCAÇÃO DO IDEAU

Vol. 8 – Nº 17 - Janeiro - Junho 2013

Semestral

ISSN: 1809-6220

*Artigo:*

## **PROFESSOR REFLEXIVO: UMA INTEGRAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

*Autora:*

Maire Josiane Fontana<sup>1</sup>

Altair Alberto Fávero<sup>2</sup>

---

<sup>1</sup> Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (UPF - Bolsista FAPERGS); Licenciada em Letras/Espanhol e suas respectivas Literaturas (UPF); Especialista em Ensino e Aprendizagem de Língua Espanhola (UPF); Professora da rede pública de ensino no município de Água Santa/RS. ([mairejfontana@hotmail.com](mailto:mairejfontana@hotmail.com) / 99737536)

<sup>2</sup> Coautor do artigo. Doutor em Educação (UFRGS); pós-doutorado em Docência Universitária (Bolsista Capes pela Universidad Autónoma del Estado del Mexico - UAEMex); Professor do Programa de Mestrado e Doutorado em Educação da UPF; ([favero@upf.br](mailto:favero@upf.br) / 9975-8458)

**PROFESSOR REFLEXIVO:  
UMA INTEGRAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA**

**Resumo:** Atualmente, a formação do professor reflexivo é indispensável como forma de buscar vencer as dificuldades de atuação em sala de aula. Assim, este estudo tem por objetivo refletir sobre a importância da teoria e da prática como integrantes do processo de reflexão acerca do trabalho docente, observando as contribuições e mudanças que essa reflexão produz na prática pedagógica. Para tanto, desenvolveu-se uma pesquisa bibliográfica acerca da atuação do professor reflexivo e da necessidade de aliar teoria e prática ao refletir sobre a docência. Por meio deste estudo, compreende-se que o professor reflexivo deve estar alicerçado em ações que compreendam a estreita relação entre teoria e prática, de modo a perceber a atuação docente, intervindo nela e ocasionando mudanças.

Palavras-chave: Educação. Prática pedagógica. Professor reflexivo. Teoria. Prática.

**Abstract:** Nowadays the reflective teacher formation is essential like a way to exceed the actuation difficulties at classroom. Therefore, this paper intends to reflect on theory and practice as parts of reflection about teaching work observing contributions and changes that this reflection take to teaching practice. For this, was made a bibliographic research about reflective teacher's practice and about necessity to put together theory and practice when to reflect about teaching. This paper helps to comprehend that reflective teacher must have as basis actions which comprehend the relation between theory and practice and this make possible to realize the teaching practice, interfering and producing changes.

Key words: Education. Teaching practice. Reflexive teacher. Theory. Practice.

## **1 INTRODUÇÃO**

Nos dias de hoje, exercer uma atividade docente é muito diferente do que era há tempos atrás. Inúmeras mudanças ocorreram na sociedade e no mundo, e a tecnologia, sem dúvida, é parte dessa mudança, já que proporcionou e continuará proporcionando uma infinidade de inovações, tanto nos meios de produção como de entretenimento e de relações interpessoais. Tais inovações exigem profissionais cada vez mais capacitados humana e profissionalmente, nas mais diversas áreas de atuação, para ingressar, atuar e se manter num mercado de trabalho extremamente competitivo.

Nesse espaço que exige tamanha agilidade e competência dos profissionais, insere-se a docência, atividade que necessita de constante questionamento e reformulação para se adequar às exigências e atender às necessidades do aluno, tornando-se uma atividade satisfatória não só para os educandos, mas, sobretudo, para quem a desempenha.

Nesse sentido, é essencial uma mudança de postura dos profissionais da educação, iniciando-se com uma formação crítico-reflexiva do docente, visando a boa qualidade educacional. Isso significa que o conceito de professor como profissional que reflete sobre sua prática deve ser uma preocupação de todos os profissionais envolvidos no processo de ensino-aprendizagem, porém, nunca dissociando teoria e prática na atuação educacional. É exatamente esse processo de atuação e reflexão sobre a prática que este estudo pretende abordar, com base nos conceitos de reflexão a partir da ação de Donald Schön (1992).

As seções que compõem este artigo estão organizadas da seguinte maneira: a primeira apresenta uma concepção sobre o professor reflexivo e suas atuais condições de ensino. Em seguida, apresentam-se algumas considerações sobre a necessidade da articulação entre teoria e prática na atuação e reflexão dos docentes. Por fim, conclui-se a pesquisa por meio das considerações finais acerca do estudo.

## **2 O PROFESSOR REFLEXIVO E AS ATUAIS CONDIÇÕES DE ENSINO**

Atualmente, muito se defende a necessidade de formar professores que reflitam sobre sua prática, no intuito de modificá-la, melhorando-a não só em benefício do professor, mas de todos que compõem a comunidade escolar.

Segundo Alarcão,

os professores desempenham um importante papel na produção e estruturação do conhecimento pedagógico porque refletem, de uma forma situada, na e sobre a interação que se gera entre o conhecimento científico [...] e a sua aquisição pelo aluno, refletem na e sobre a interação entre a pessoa do professor e a pessoa do aluno, entre a instituição escola e a sociedade em geral. Desta forma, têm um papel ativo na educação e não um papel meramente técnico que se reduza à execução de normas e receitas ou à aplicação de teorias exteriores à sua própria comunidade profissional (2005, p. 176).

Nesse sentido, o docente como profissional reflexivo não atua como um mero transmissor de conteúdos, mas, em sua interação com os alunos, professores, e toda a comunidade escolar, é capaz de pensar sobre sua prática, confrontando suas ações e aquilo

que julga acreditar como correto para sua atuação profissional com as consequências a que elas conduzem. Dessa forma, fica evidente a necessidade de adequar as teorias utilizadas em sala de aula com a realidade e a necessidade dos educandos, e não basear-se em teorias que nada têm a ver com os aprendizes.

Alarcão (2005) conceitua o professor reflexivo, descrevendo-o como um profissional que necessita saber quem é e as razões pelas quais atua, conscientizando-se do lugar que ocupa na sociedade. A autora acrescenta ainda que “os professores têm de ser agentes ativos do seu próprio desenvolvimento e do funcionamento das escolas como organização ao serviço do grande projeto social que é a formação dos educandos” (ALARCÃO, 2005, p. 177).

No progressivo desenvolvimento da cultura reflexiva, ainda em processo, um dos autores que teve maior destaque na propagação do conceito de reflexão foi Donald Schön (1992). Schön inspirou toda uma geração de pesquisadores brasileiros a propor, também para os professores, um novo modelo de formação profissional, baseado na reflexão sobre a prática. Sua teoria de prática reflexiva, para a formação de um profissional reflexivo, divide-se em três ideias centrais: a reflexão na ação, a reflexão sobre a ação e a reflexão sobre a reflexão na ação.

A reflexão na ação traz em si um saber que está presente nas ações profissionais. Diz respeito às observações e às reflexões do profissional em relação ao modo como ele transita em sua prática; a descrição consciente dessas ações pode ocasionar mudanças, conduzindo a novas pistas para soluções de problemas de aprendizagem. O pensamento crítico sobre sua atuação, assim exercitado, pode levar o profissional a elaborar novas estratégias de atuação, ajustando-se, assim, a situações novas que vão surgindo.

A reflexão sobre a ação, para Schön, está em relação direta com a ação presente, ou seja, com a reflexão na ação, e consiste numa reconstrução mental retrospectiva da ação para tentar analisá-la, constituindo um ato natural com uma nova percepção da ação. Em outras palavras, ela acontece quando o professor reconstrói mentalmente a ação para analisar retrospectivamente, e o olhar posterior sobre a ação realizada ajuda o professor a perceber o que aconteceu durante a ação e como os imprevistos ocorridos foram resolvidos.

A reflexão na ação, permitindo a reflexão sobre ações passadas, pode se projetar no futuro como novas práticas. Esse movimento, que, espera-se, aconteça após a aula do professor reflexivo, Schön denomina reflexão sobre a reflexão na ação. Esse tipo de reflexão

leva o professor a desenvolver novos raciocínios, novas formas de pensar, de compreender, de agir e equacionar problemas.

Tais noções de reflexão apresentadas têm lugar na prática docente, no mundo real, que permite fazer experiências, cometer erros, conscientizar-se dos mesmos e tentar novamente, de outro modo. Nesse sentido, a prática em sala de aula surge como um espaço privilegiado que permite a integração de competências, o que só é possível se o professor refletir sobre sua atuação. A reflexão e a experimentação, portanto, são elementos fundamentais na atuação docente, capazes de proporcionar uma conquista progressiva de autonomia e descoberta de potencialidades.

Contudo, ao refletir sobre a prática, o professor não conhece apenas a sua prática, mas passa a conhecer melhor a si mesmo. Ghedin destaca que

conhecer é desvendar, na intimidade do real, a intimidade de nosso próprio ser, que cresce justamente porque a nossa ignorância vai se dissipando diante das perguntas e respostas construídas por nós, enquanto sujeitos entregues ao conhecimento, como dependência da compreensão de nosso ser no mundo. [...] Ao construirmos o conhecer de um dado objeto, não é somente ele que se torna conhecido, mas essencialmente o próprio sujeito, isto é, o conhecimento de algo é também, simultaneamente, um autoconhecimento (2005, p. 141).

Diante disso, entende-se que não existe conhecimento pronto, acabado, pois tudo é processo contínuo de construção e de autoconstrução. Quando olhamos e pensamos sobre o fazer pedagógico, seus sentidos e significados, estamos diante de um processo de compreensão de nosso próprio ser.

O professor, conforme Alarcão (2005), deve ser um prático e um teórico da sua prática. Nesse sentido, “a reflexão sobre o seu ensino é o primeiro passo para quebrar o ato de rotina, possibilitar a análise de opções múltiplas para cada situação e reforçar a sua autonomia face ao pensamento dominante de uma dada realidade” (ALARCÃO, p. 82-83). A autora complementa, citando que a atitude reflexiva do professor pode fazer com que os próprios alunos se tornem reflexivos, por meio das propostas de trabalho que lhes forem feitas em aula, do modo como lhes forem apresentadas e da forma de avaliação e reflexão sobre as ações desenvolvidas.

Dessa forma, fica claro que o entendimento do que constitui uma prática pedagógica crítico-reflexiva está distante de um apontamento acabado. Contudo, é uma tentativa de buscar soluções para questões relativas ao trabalho docente, sua identidade, bem como das necessidades escolares e sociais, cujo enquadramento se efetiva nas práticas pedagógicas, tarefa central da profissão docente.

A prática reflexiva requer um constante policiamento das atitudes do professor, tanto dentro da sala de aula como fora dela, sendo necessário que o professor esteja sempre se questionando, fazendo-se perguntas como: De que modo estou trabalhando? Para quem trabalho? Qual a finalidade do ensino da minha disciplina? Por que trabalho desta forma? Alcanço os resultados almejados no meu trabalho? Que conhecimentos e capacidades os alunos desenvolvem por meio do que ensino e da forma como ensino? De que forma posso tornar mais eficaz minha prática?

Com isso, entende-se que o profissional nunca deve se sentir completamente satisfeito com seu trabalho e com suas atitudes perante ele, para que, dessa forma, possa estar sempre em busca de melhoras na sua prática. De acordo com Cardoso (2002, p. 2), “a prática reflexiva é a busca de um equilíbrio entre o ato de rotina e o ato de reflexão”, já que a prática deve ser pensada diariamente pelos docentes, tornando a reflexão uma constante em suas vidas.

No entanto, o que se observa nas escolas hoje em dia é a falta de preocupação dos professores e alunos com a reflexão sobre a prática. Os professores estão pouco interessados nessa nova postura e, com essas atitudes, os alunos são prejudicados. O que se vê é que cada um faz seu trabalho, rotineiramente e de forma automática. É visível, ainda, a existência de uma grande resistência à mudança, pois, mesmo conscientes dessa necessidade, muitos professores preferem não sair da rotina, mantendo a mesma postura sempre.

Contudo, os professores não podem pensar que estão totalmente certos e os outros, redondamente enganados, como acontece normalmente. Agindo assim, o professor deixa claro o quanto está desmotivado, desinteressado e despreocupado em relação ao seu trabalho e ao ensino. Esse tipo de professor não demonstra o menor interesse por questões como a prática reflexiva e as teorias que podem ajudar a melhorar sua prática, pois acredita que se algo vai mal a culpa não é dele, que sua parte está sendo bem feita e está atuando da melhor maneira.

Toda essa desmotivação pode ter relação com as inúmeras dificuldades por que passam muitos professores, principalmente de escolas públicas, que recebem salários muito baixos, onde há um grande desrespeito com os profissionais do ensino e uma grande desvalorização pela sociedade, além da precariedade de condições materiais e físicas disponíveis para o trabalho com os alunos, a falta de um plano de carreira, entre outras dificuldades que fazem parte do cotidiano de grande parte dos professores.

Porém, tudo isso não pode justificar uma atuação desleixada de professores que não querem se envolver com a educação.

A docência exige comprometimento e essas dificuldades devem ser de estímulos para se exercer da forma mais plena possível a função docente, pois esta função implica envolvimento total e luta por justiça social que pode começar pela busca de melhores condições de trabalho, tentando minimizar esses problemas contidos numa profissão de relevância extrema ao desenvolvimento de qualquer país (CARDOSO, 2002, p. 4).

Diante disso, deve-se ter consciência de que o docente precisa reconhecer as dificuldades e lutar contra elas, mas jamais atuar de forma irresponsável e incompetente, e, caso não tenha mais disposição para vencer as dificuldades, o melhor é abandonar a profissão. O professor não pode usar as dificuldades como desculpa para sua falta de disposição para o trabalho.

Para que haja melhoras significativas na qualidade do ensino, deve, portanto, haver uma formação reflexiva dos professores. Estes, atuando de forma reflexiva, estarão atuando de forma dinâmica, e se tornarão capazes de construir uma visão crítica sobre suas ações, permitindo-lhes aceitar, adaptar, ou ainda rejeitar ações alheias à realidade de sua sala de aula, acreditando estarem atuando de forma adequada.

Os profissionais da educação não são apenas objetos da história, mas, sim, sujeitos que podem e devem transformá-la, tendo sempre em mente que tudo o que está aí pode ser reformulado, alterado, conforme haja necessidade, mas, para tanto, não se pode esquecer da responsabilidade e da vontade de atuar em busca da mudança. Ghedin (2005, p. 142) afirma que “a reflexão que não se torna ação política, transformadora da própria prática, não tem sentido no horizonte educativo”. Por isso, é inegável que o pensamento reflexivo contribui, decisivamente, para a promoção do progresso da atuação docente.

### **3 A ARTICULAÇÃO ENTRE TEORIA E PRÁTICA NO FAZER PEDAGÓGICO DO PROFESSOR REFLEXIVO**

Toda atividade humana implica, em algum grau, em teoria e prática. Na atividade docente, portanto, não é diferente, já que teoria e prática devem estar aliadas, para que seja possível a reflexão sobre a prática. No entanto, antes de trabalhar com essas três peças fundamentais do fazer pedagógico – prática, teoria e reflexão –, é necessário entender cada uma delas.

A prática pode ser definida como a ação concreta sobre o meio, ou seja, toda ação do homem sobre a natureza e sobre outros homens. Já a teoria pode ser entendida como a sistematização de representações sobre a realidade, as quais o homem constrói sobre objetos ou fenômenos, segundo critérios lógicos. E a reflexão define-se como um processo de confronto das representações da realidade concreta com sistemas conceituais organizados (teorias), sendo que, desse processo, podem resultar mudanças nas formas de representar a realidade, nas teorias ou em ambas.

Desse modo, entende-se que a reflexão, constituinte da articulação constante entre teoria e prática, permite transformações sobre a realidade e as ações concretas sobre ela. Assim, as mudanças que o homem provoca em seu meio, em sua realidade, por meio de sua atividade, determinam alterações em suas representações sobre a realidade. Da mesma forma, mudanças nas representações (teorias) permitem novas formas de atividade.

De acordo com Freire (1996), a reflexão é o movimento realizado entre o fazer e o pensar, entre o pensar e o fazer, ou seja, no “pensar para o fazer” e no “pensar sobre o fazer”. Nesse sentido, a reflexão provém da curiosidade sobre a prática docente, uma curiosidade inicialmente ingênua, que, transformada em exercício constante, transforma-se em crítica. Essa reflexão crítica permanente deve constituir-se como orientação prioritária para a formação continuada dos professores que buscam a transformação por meio de sua prática educativa.

A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer. [...] O que se precisa é possibilitar, que, voltando-se sobre si mesma, através da reflexão sobre a prática, a curiosidade ingênua, percebendo-se como tal, se vá tornando crítica. [...] A prática docente crítica, implicante do pensar certo, envolve o movimento dinâmico, dialético, entre o fazer e o pensar sobre o fazer (FREIRE, 1996 p. 38).

Contudo, quando se defende a ideia de que o professor deve ser um profissional reflexivo, não se está revelando nenhum conteúdo para a reflexão ou propondo qual deve ser o campo de reflexão e seus limites. Entende-se que o potencial de reflexão é algo próprio de cada um, e não há modelo a ser seguido. Cada ser humano possui um método, uma prática para realizar seu registro. No entanto, segundo Freire “[...] o importante é que a reflexão seja um instrumento dinamizador entre teoria e prática” (1996, p. 39). Por isso, não basta apenas pensar e refletir, é fundamental que tal reflexão leve o profissional a uma ação transformadora, fazendo-o pensar sobre seus desejos, vontades, histórias.

Assim, percebe-se que desenvolver-se como profissional reflexivo significa estar atento a todos os aspectos da prática. Porém, esse trabalho não pode ser realizado apenas pelo professor, mas em equipe, uma vez que a reflexão na e sobre a ação podem conduzir a uma aprendizagem limitada se forem feitas pelo professor isoladamente, enquanto a análise e o planejamento que acontecem num ambiente colaborativo possibilitam uma maior aprendizagem. Um professor, sozinho, tem influência apenas sobre suas turmas, todavia, quando se pensa no coletivo desses educadores, chega-se não só a um professor reflexivo, mas a uma escola reflexiva, que é “aprendente e ensinante” (ALARCÃO, 2007), que pensa continuamente em si própria, na sua missão social e na sua organização. Pimenta (2005) ressalta que as escolas que assim atuam, pensando a prática coletivamente, transformam-se em *comunidades de aprendizagem* nas quais os professores se apoiam e se estimulam mutuamente.

Ao levar em conta essa postura individualista de muitos docentes ao pensar a prática, aliada a situações de descontentamento com a profissão, fica claro o distanciamento entre teoria e prática, onde quem é responsável pela prática parece não ter conhecimento da teoria. Desse modo, parece visível que a mudança no ensino, tão almejada por todos, está cada vez mais distante. Porém, se esses profissionais que fazem e vivem a educação tivessem consciência da importância das teorias, completando-as e criticando-as de forma construtiva,

levando em conta sua própria prática, e praticassem essas teorias sempre refletindo sobre suas ações, a mudança tão sonhada ficaria mais próxima da realidade.

É necessário destacar ainda que, se a reflexão se tornar rotina na prática docente, será possível completar a tarefa de unir teoria e prática. Para tanto, inicialmente, o professor deve olhar criticamente os saberes implantados na sua escola ou no seu trabalho, examinando e melhorando essas teorias de ensino que, geralmente, não têm sua origem dentro da sala de aula. Não há ninguém mais apto que o próprio professor para analisar crítica e empiricamente se determinado saber possui validade na realidade da sala de aula, permitindo que o professor teorize sobre sua prática, porque “a diferença entre teoria e prática é, antes de mais, um desencontro entre a teoria do observador e a do professor, e não um fosso entre teoria e prática” (ZEICHNER, 1993, p. 21).

Falar numa oposição entre teoria e prática só é possível no sentido de que a teoria apenas transforma nossa consciência dos fatos, nossas ideias sobre as coisas, mas não as próprias coisas, enquanto na atividade prática o sujeito pratica uma ação sobre algo ou alguém que existe independentemente de sua consciência. A prática, nesse contexto, caracteriza-se como fundamento e finalidade da teoria, e esta, mesmo sendo determinada pela prática, a ela se antecipa.

Freire (1996, p. 22) alerta, entretanto, que voltar-se sobre a prática não pode se manter como uma curiosidade ingênua, é preciso possibilitar que esta vá se tornando crítica, pois é “uma exigência da relação teoria/prática, sem a qual a teoria pode ir virando ‘blablablá’ e a prática, ativismo”.

É importante ressaltar que não existe um saber docente formado apenas da prática, pois ele precisa ser também composto pelas teorias educacionais. Nesse sentido, Pimenta (2005, p. 24) destaca a importância da teoria na formação docente, já que “dota os sujeitos de variados pontos de vista para uma ação contextualizada, oferecendo perspectivas de análise para que os professores compreendam os contextos históricos, sociais, culturais, organizacionais, e de si próprios como profissionais”, para neles intervir, transformando-os. Tal concepção esclarece, então, que a teoria, quando articulada aos saberes da prática, tem um papel fundamental para a atuação eficaz do professor.

Contudo, na sociedade atual, constata-se que muitos profissionais recém-formados foram ensinados a tomar decisões que visam a aplicação dos conhecimentos científicos que

aprenderam durante a formação, como se esses fossem suficientes para resolver todos os problemas. “Educa-se com base na convicção de que é possível encontrar na ciência e na técnica uma solução correta para cada caso” (ALARCÃO, 2005, p. 22). Ocorre que, na prática, esses profissionais deparam-se com situações que não podem ser resolvidas por meio das teorias estudadas, por serem situações novas, e se sentem, então, perdidos e impotentes para resolvê-las. Isso acontece porque não foram capacitados para lidar com situações novas, para as quais a teoria não é suficiente. É importante destacar, então, que as teorias, por si só, não são suficientes para resolver os problemas que se apresentam no ambiente escolar, fazendo-se necessária uma tomada de consciência em relação ao problema para encontrar a resposta mais adequada para resolvê-lo, através da intervenção de novas técnicas e novos saberes produzidos no momento. Não se nega, portanto, a importância das teorias, no entanto, elas só são válidas quando combinadas com a prática profissional, na integração entre ação e reflexão na ação, as quais proporcionam o conhecimento gerado na própria ação.

A educação não pode ser vista como uma brincadeira. Ela é um fenômeno complexo, pois retrata e reproduz a realidade social, assim como projeta a sociedade que se deseja. E a sociedade de hoje apresenta muitos desafios, já que fazemos parte da sociedade do conhecimento e da informação, que chega de maneira muito rápida e em grande quantidade em todos os lugares do mundo. E a tarefa do professor é, nessa sociedade, atuar como um mediador entre a informação disponível e o aluno, sempre de forma competente pensando sobre sua atuação.

No entanto, para que isso seja realmente possível, faz-se necessária uma política de formação e valorização do educador e das escolas “como capazes de pensar, de articular os saberes [...] na construção e na proposição das transformações necessárias às práticas escolares e às formas de organização dos espaços escolares de ensinar e aprender” (PIMENTA, 2005, p. 44), com o compromisso de proporcionar um ensino de qualidade para todos os educandos.

Para tanto, deve haver investimento na formação inicial desses professores, bem como no seu desenvolvimento profissional e nas escolas, e não apenas exigir que o professor faça sua parte sem nenhuma retribuição. As grandes reclamações dos profissionais da educação, tais como jornadas de trabalho e salários incompatíveis, ambientes inadequados para o ensino, desvalorização da classe, entre outros, devem ser pensadas, a fim de que se possa dar

condições para que a escola como um todo se transforme num ambiente reflexivo e se constitua num espaço crítico de análise permanente de suas práticas.

Cabe novamente ressaltar que o conhecimento não existe apenas na teoria, como também não existe apenas na prática. É uma relação entre a prática e o que entendemos dela, ou seja, a teoria. Ghedin (2005, p. 132) define a teoria como “um modo de ver e interpretar nosso modo de agir no mundo”. Complementa ainda dizendo que “a reflexão sobre a prática constitui o questionamento da prática [...] que se dá no constante questionamento entre o que se pensa (como teoria que orienta uma determinada prática) e o que se faz” (p. 132-133). Assim, entende-se que teoria e prática não podem estar dissociadas no processo de ensino-aprendizagem, já que, se não estiverem integradas, o ensino fica dificultado. No processo de construção de conhecimento, portanto, é fundamental perceber teoria e prática como inseparáveis, já que uma complementa a outra.

É fundamental entender que “para produzir mudança não basta desenvolver uma atividade teórica; é preciso atuar praticamente” (GHEDIN, 2005, p. 133). Isso quer dizer que, ao refletirmos sobre a prática docente, não basta apenas pensar sobre ela, modificando, possivelmente, o pensamento; é necessário, acima de tudo, modificar a prática, materializar o pensamento. Entende-se, com isso, que “a atividade teórica apenas transforma nossa consciência dos fatos, nossas ideias sobre as coisas, mas não as próprias coisas” (GHEDIN, 2005, p. 133). Mas não se pode esquecer que, para que a mudança na prática ocorra, a teoria é fator fundamental.

Fica claro, portanto, que teoria e prática não podem ser separadas no processo de reflexão sobre a prática docente, já que, ao separá-las, é bem provável que se perca a própria possibilidade de reflexão e compreensão. “Uma prática reflexiva leva à (re)construção de saberes, atenua a separação entre teoria e prática e assenta na construção de uma circularidade em que a teoria ilumina a prática e a prática questiona a teoria” (ALARCÃO, 2005, p. 99).

É interessante destacar que, quando o educador começa a atuar, o que ele possui é um conhecimento produzido e legitimado por outro. No entanto, em sua prática cotidiana em sala de aula, o professor procura articular esse conhecimento que lhe foi transmitido com a sua prática, sendo possível, dessa maneira, interiorizar e avaliar as teorias por meio de sua própria ação, de sua própria experiência docente. Desse modo, como afirma Ghedin (2005, p. 135), “é na prática refletida (ação e reflexão) que este conhecimento se produz na inseparabilidade

entre teoria e prática”. Há algum tempo, as teorias só eram consideradas se viessem de investigadores “encartados”, e, atualmente, as teorias formuladas por meio da atividade docente, com base na observação e investigação sobre a prática diária, tem muita validade também.

Muitos professores, porém, tendem a refletir apenas sobre aquilo que ocorre em sua sala de aula. Todavia, é necessário transcender esses limites, indo além da mera reflexão sobre como cumprir as metas fixadas pela instituição de ensino. Isto requer, segundo Ghedin (2005), que os educadores analisem o sentido político, cultural e econômico que cumpre à escola, como ocorre o ensino, como se assimila a função da escola e de que forma se interiorizam os padrões ideológicos sobre os quais se sustenta a estrutura educativa, fazendo com que o educador reflita sobre o ensino como um todo, levando em conta todos os aspectos que o envolvem, e não somente sua atuação em sala de aula.

A reflexão sobre a prática constitui-se em possibilidade para a busca de um trabalho em que se alia fundamentação teórica significativa com a prática adequada, na perspectiva da criação de um profissional reflexivo, capaz de atuar para o desenvolvimento do meio em que vive, não apenas reproduzindo o conhecimento obtido na graduação, mas transformando esse conhecimento e as práticas sociais correspondentes, na direção apontada por uma postura político-ideológica explícita e consciente.

Por fim, cabe citar Freire (1996, p. 39), quando afirma que “é pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Surge, assim, um professor prático reflexivo capaz de criar suas próprias ações, de administrar as complexidades reais e de resolver situações problemáticas por meio da integração inteligente entre a técnica e os conhecimentos práticos adquiridos.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Por meio deste estudo, foi possível compreender como a teoria e a prática favorecem a construção do saber docente, e ajudam o professor a pensar a sua prática, tornando-o, assim, um profissional reflexivo, que reflete sobre sua ação docente e promove mudanças para melhorar a cada dia, sendo esse um processo fundamental para seu desempenho profissional.

A formação do professor reflexivo é uma alternativa que se apresenta diante das dificuldades decorrentes de sua formação inicial e continuada para auxiliar em sua vida profissional. Nesse sentido, é preciso entender que educação e reflexão devem ser vistas como aliadas no processo de ensino-aprendizagem, sendo a escola necessária como local de construção de um diálogo crítico.

O objetivo primordial da reflexão no ambiente escolar é, acima de tudo, formar cidadãos autônomos, rompendo com os modelos tradicionais de educação. Isso permite que os muros da mera reprodução de conteúdos sejam ultrapassados, fazendo com que o aluno seja capaz de pensar por si próprio, produzir seu próprio conhecimento e ponto de vista por meio da reflexão daquilo que a realidade nos apresenta, pois a informação é somente aquilo que é transmitido, e o conhecimento provém da reflexão crítica que se faz dessa informação.

Então, se o objetivo é formar alunos que desenvolvam uma atitude mental própria, mais do que jovens diplomados e com a cabeça cheia de informações, deve ser desenvolvida a capacidade de questionar sobre aquilo que se aprende, e os professores devem atuar como monitores, revendo com frequência sua prática.

A reflexão é fundamental na atuação cotidiana de qualquer professor, pois permite a inovação nas aulas, evitando a rotina. No entanto, não é apenas com a experiência que se aprende, mas por meio da reflexão sobre ela, podendo, dessa forma, avaliar a prática, adequando-a conforme for necessário.

Esse modo de atuação precisa percorrer um longo caminho de construção e reconstrução. Ele tem como base a confiança no trabalho coletivo, no pensamento e na ação reflexiva, no esforço consciente, voluntário, que conduz à investigação, à análise e à descoberta dos melhores meios de agir para construir o conhecimento que organiza os saberes, para reagir diante de situações problemáticas, assim como para atuar profissionalmente favorecendo a criação de uma proposta de formação para a cidadania.

O pensamento reflexivo é uma das competências que precisa ser desenvolvida no atual e futuro profissional da educação, e o início desse processo deve se dar na formação acadêmica nos cursos de Licenciatura, os quais devem fazer desabrochar essa competência que se transformará em habilidades, se cultivada, no exercício profissional.

Conclui-se, portanto, que a formação de professores necessita dar ênfase a uma formação que conduza o profissional da educação a uma prática docente ativa com atuação e

reflexão sobre sua ação, diferente do estágio formador de competências e performances para repetição de regras burocráticas e aplicação de conhecimentos teóricos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALARCÃO, Isabel (Coord.). **Formação reflexiva de professores: estratégias de supervisão**. Porto: Porto Editora, 2005.

\_\_\_\_\_. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 5 ed. São Paulo: Cortez, 2007.

CARDOSO, Celso Aparecido. **Formação crítico-reflexiva: a relação teoria e prática**. Integração: ensino, pesquisa, extensão, ano VIII, nº 30, agosto de 2012.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GHEDIN, Evandro. Professor reflexivo: da alienação da técnica à autonomia da crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTA, Selma Garrido. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2005, p. 17-52.

SCHÖN, Donald A. Formar professores como profissionais reflexivos. In: NÓVOA, António (Coord.). **Os professores e sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

ZEICHNER, Kenneth M.. **A formação reflexiva do professor: Idéias e Práticas**. Trad. Maria Nóvoa. Lisboa: Educa, 1993.